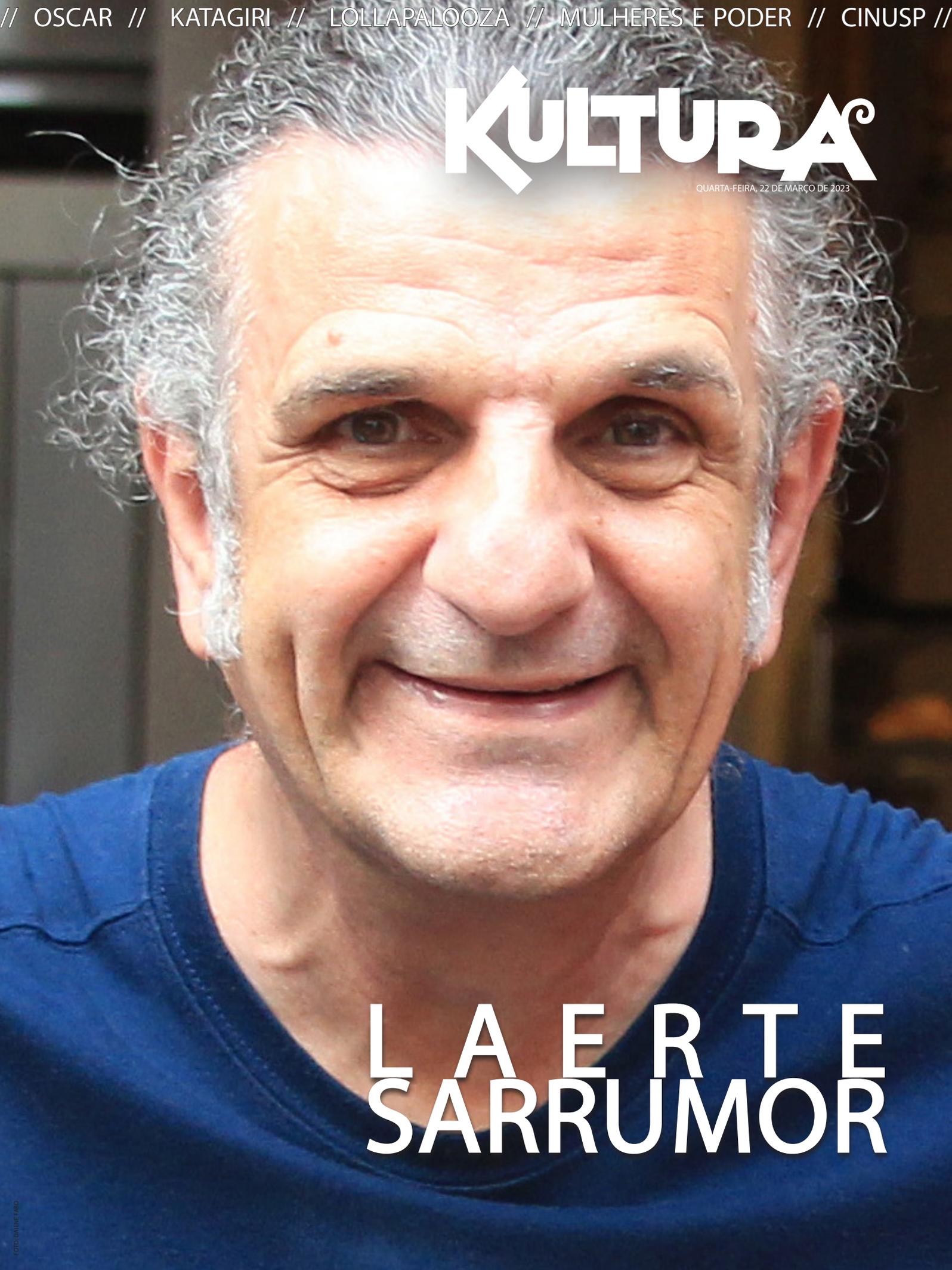


KULTURA

QUARTA-FEIRA, 22 DE MARÇO DE 2023



LAERTE SARRUMOR



SEO DITO

BAR GASTRONÔMICO



TUDO EM TODO LUGAR AO MESMO TEMPO

EM CARTAZ NO RESERVA CULTURAL - 18

MULHERES E PODER - 4
ATSUNOBU KATAGIRI - 12
FRANCISCO, EL HOMBRE - 16
LAERTE SARRUMOR - 20
PICASSO - 24
CINUSP - 31
LOLLAPALOOZA - 35



KULTURA

Editor: Maurício Araújo

REVISTA KULTURA

Redação e publicidade:

R. Luiza Brilha Campos, 110 - centro Mairiporã / SP, 07600-087

11 4419-0642 / 99529-2619 ☎ / kultura@digitaltvmedia.com.br

Reportagem: Daiene Faro Editoração eletrônica: Beatriz Campos

Colaboradores: Tamires Ramalho, Italo Medeiros, Layla Bachour e Tarcílio de Souza Barros.

MULHERES E PODER

REDAÇÃO



Autora Mary Beard

Foto: Divulgação

Escrito por Mary Beard, uma das mais conhecidas e respeitadas historiadoras contemporâneas, o “best-seller Mulheres e poder” chega às livrarias brasileiras em nova edição revista e atualizada. A ação faz parte das comemorações de 20 anos da Editora Planeta no Brasil, que este ano trará edições comemorativas de obras que

marcaram a história da editora, além de reedições de títulos esgotados e importantes para o mercado editorial.

Baseado em duas palestras proferidas pela autora, numa parceria com o “London Review of Books”, em 2014 e 2017, “Mulheres e poder” traça as origens da misoginia, examinando as armadilhas e os percalços de como

a história maltratou mulheres fortes desde os tempos mais antigos. De maneira assertiva e clara, Beard apresenta inúmeros exemplos de como as mulheres sempre foram proibidas de desempenharem papéis de liderança na vida civil, passando por figuras contemporâneas, políticas e personagens míticas.

“Minha mãe surgiu muitas vezes em minha mente quando preparei as duas palestras nas quais se baseia este livro [...]. Eu queria descobrir como explicar a ela - tanto quanto a mim mesma e a milhões de outras mulheres que ainda vivem algumas das mesmas frustrações - até que ponto estão profundamente incorporados à cultura ocidental os mecanismos que silenciam as mulheres, que se recusam a levá-las a sério e que as afastam (às vezes literalmente, como veremos) dos centros de poder.”, escreve Beard no prefácio da obra.

De Medusa a Filomena, chegando até Hillary Clinton, Angela Merkel e Dilma Rousseff, a autora questiona as suposições sociais sobre a relação entre o poder e a feminilidade - e como mulheres poderosas oferecem exemplos necessários para que todas reajam às forças que tentam encerrá-las em paradigmas e discursos masculinos. Além da atualização de informações, a nova edição também inclui um posfácio onde a historiadora aborda o movimento #MeToo e reflexões sobre a cultura do estupro.

Em “Mulheres e poder”, Mary Beard também traz reflexões sobre as próprias experiências pessoais com o sexismo para discutir como o papel feminino precisa ser redefinido na estrutura de poder da sociedade. Afinal, se as mulheres não são consideradas pelas estruturas de poder, não é a noção de poder que deveria ser reconsiderada?

Ficha técnica

Título: Mulheres e poder - Edição revista e ampliada

Autora: Mary Beard

Tradução: Celina Portocarrero

Tradução da edição atualizada:

Jennifer Koppe

Páginas: 160 p.

Preço livro físico: R\$ 54,90

Selo Crítica, Editora Planeta

Sobre a autora

Professora de clássicos da Universidade de Cambridge, Mary Beard é autora dos best-sellers “SPQR” e “Mulheres e poder”, ambos publicados pelo selo Crítica da Editora Planeta. Também foi nomeada ao “National Book Critics Circle Award” pela obra “Confronting the Classics”. Uma

blogueira popular e personalidade televisiva no Reino Unido, Beard é uma contribuidora regular do “New York Review of Books”.

Sobre o selo Crítica

Criado na Espanha, em 1976, e disponível no Brasil desde 2016, o selo Crítica é conhecido pela qualidade de seus títulos na área de história, ensaios e divulgação científica. Niall Ferguson, Mary Beard, Miguel Nicolelis, Noam Chomsky e Antony Beevor estão entre os principais autores no Brasil.

Foto: Reprodução



PINACOTECA CONTEMPORÂNEA

REDAÇÃO

São Paulo acaba de ganhar mais uma instituição cultural: a Pinacoteca Contemporânea. O espaço foi pensado para integrar o Parque da Luz e aos bairros do Bom Retiro e da Luz e conta com Biblioteca, Centro de Documentação, Ateliês Educativos Café e Loja.

O público pode conferir duas exposições inaugurais: “Quase Coloquial”, da artista sul-coreana Haegue Yang, e “Chão da praça: obras do acervo da Pi-

nacoteca”.

Com potencial para receber até 1 milhão de visitantes por ano, o edifício conta com uma grande praça pública coberta, com 1.339,2 m², dois ateliês para atividades educativas, a loja do museu e um pavilhão onde está localizada a Galeria Praça, com 200 m², que recebe a exposição “Haegue Yang: Quase Coloquial”. Com 1.000m², a Grande Galeria, situada no subsolo, recebe a mostra

“Chão da Praça: obras do acervo da Pinacoteca”. Um mezanino com vista para o parque da Luz, onde está localizada a cafeteria, complementa o projeto do edifício, criando um ambiente que cumpre os requisitos fundamentais para um museu do séc. XXI, ao mesmo tempo em que é amigável, inclusivo e acessível. No prédio está também a Biblioteca da Pinacoteca de São Paulo e o Centro de Documentação do

Foto: Divulgação



INAUGURAÇÃO



Foto: Divulgação

Museu.

Com uma programação integrada entre os prédios, em 2023 a Pinacoteca de São Paulo seguirá apresentando uma consistente pesquisa em torno de nomes históricos e contemporâneos da arte brasileira em diálogo com renomados artistas internacionais, dando visibilidade para uma multiplicidade de linguagens, temas e produções.

Sobre as exposições

A primeira grande mostra da artista sul-coreana Haegue Yang na América Latina, “Quase Coloquial” tem curadoria de Jochen Volz e inaugura a Galeria Praça, na Pinacoteca Contemporânea. A exposição consiste em cinco grupos de trabalhos baseados em larga pesquisa conceitual da artista reconhecida pela prática que passa por esculturas, instalações, obra em papel, fotografia e vídeo. Investigando o estudo coletivo sobre forma, funcionalidade e

racionalidade, a artista dialoga com a história da cultura brasileira em obras como Cantos empilhados (2022) e a colagem Estrangeiro Coloquial (2021), trabalho desenvolvido especialmente para esta exposição.

Com coordenação curatorial de Ana Maria Maia, curadora chefe da Pinacoteca, e Yuri Quevedo, a mostra “Chão da Praça: obras do acervo da Pinacoteca”, reúne cerca de 60 obras do acervo de arte contemporânea, em montagem pautada pelo desejo de falar sobre narrativas de atravessamento, vizinhanças e transcendências. Apresentando artistas diversos, pertencentes a diferentes gerações, perfis identitários, regiões do país e circuitos de produção, obras como Parede da memória (1994-2015), de Rosana Paulino, Máscara de ritual Tukano I, de Duhigó e Estrutura dissipativa / Gangorra (2013), de Rommulo Vieira Conceição podem ser vistas na

Grande Galeria.

Na performance Modificação e apropriação de uma identidade autônoma (1980), de Gretta Sarfatty (Atenas – Grécia, 1954), o deslocamento individual de uma mulher destitui as camadas de um cubo confeccionado para abarcar (e, nesta medida, comportar) seu corpo e sua subjetividade. Esta performance será apresentada na abertura da exposição. Nesta ocasião, não é a própria Gretta que se apresentará, mas a também artista Val Souza, convidada a interpretar o roteiro histórico, trazendo-o para seu corpo e sua experiência.

Serviço

Onde: Av. Tiradentes, 273 – Luz, São Paulo/SP

Funcionamento: de quarta a segunda, das 10h às 18h

Ingresso: Inteira, R\$20,00 – meia: R\$10,00



Equipe do filme "Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo"

Crédito: Kevin Winter/Getty Images

OSCAR

REDAÇÃO

A cerimônia do Oscar, principal premiação da indústria cinematográfica, aconteceu no domingo, 12. O vencedor da principal categoria, a de melhor filme, foi "Tudo em todo lugar ao mesmo tempo", dirigido por Daniel Kwan e Daniel Scheinert. O longa também levou outras seis categorias da premiação.

Confira abaixo a lista de vencedores.

Melhor filme

Vencedor "Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo"

"Avatar: O caminho da água"

"Elvis"

"Entre Mulheres"

"Nada de Novo no Front"

"Os Fabelmans"

"Os Banshees de Inisherin"

"Tár"

"Top Gun: Maverick"

"Triângulo da Tristeza"

Melhor Direção

Vencedores: Daniel Kwan e Daniel Scheinert, por "Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo"

CINEMA

Martin McDonagh, por "Os Banshees de Inisherin"

Steven Spielberg, por "Os Fabelmans"

Todd Field, por "Tár"

Ruben Östlund, por "Triângulo da Tristeza"

Melhor Ator

Vencedor: Brendan Fraser, por "A Baleia"

Austin Butler, por Elvis

Colin Farrell, por "Os Banshees de Inisherin"

Paul Mescal, por "Aftersun"

Bill Nighy, por "Living"

Melhor Atriz

Vencedora: Michelle Yeoh, por "Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo"

Cate Blanchett, por "Tár"

Ana de Armas, por "Blonde"

Andrea Riseborough, por "To Leslie"

Michelle Williams, por "Os Fabelmans"

Melhor Ator Coadjuvante

Vencedor: Ke Huy Quan, por "Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo"

Brendan Gleeson, por "Os Banshees de Inisherin"

Bryan Tyree Henry, por "Passagem"

Barry Keoghan, por "Os Banshees de Inisherin"

Judd Hirsh, por "Os Fabelmans"

Melhor Atriz Coadjuvante

Vencedora: Jamie Lee Curtis, por "Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo"

Angela Bassett, por "Pantera Negra: Wakanda para Sempre"

Hong Chau, por "A Baleia"

Kerry Condon, por "Os Banshees de Inisherin"

Stephanie Hsu, por "Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo"

Melhor Roteiro Original

Vencedor: "Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo"

"Os Banshees de Inisherin"

"Os Fabelmans"

"Tár"

"Triângulo da Tristeza"

Melhor Roteiro Adaptado

Vencedor: "Entre Mulheres"

"Nada de Novo no Front"

"Glass Onion: Um Mistério Knives"

Crédito: Kevin Winter/Getty Images



Michelle Yeoh ganha prêmio de Melhor Atriz por "Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo"

CINEMA

Out" "Top Gun: Maverick" "Living"	"The Martha Mitchell Effect" "Stranger at the Gate"	"Os Fabelmans"
Melhor Filme Estrangeiro Vencedor: "Nada de Novo no Front" (Alemanha) "Close" (Bélgica) "EO" (Polônia) "The Quiet Girl" (Irlanda) "Argentina, 1985" (Argentina)	Melhor Curta-metragem em Live-action Vencedor: "A Irish Goodbye" "Ivalu" "Le Pupille" "Night Ride" "The Red Suitcase"	Melhor Design de Produção Vencedor: "Nada de Novo no Front" "Avatar: O Caminho da Água" "Babilônia" "Elvis" "Os Fabelmans"
Melhor Animação em Longa Metragem Vencedor: "Pinóquio de Guillermo del Toro" "Marcel the Shell with Shoes On" "O Gato de Botas 2: O Último Pedido" "Red – Crescer é uma Fera" "A Fera do Mar"	Melhor Fotografia Vencedor: James Friend, por "Nada de Novo no Front" "Bardo, Falsa Crônica de Algumas Verdades" "Elvis" "Tár" "Império da Luz"	Melhores Efeitos Visuais Vencedor: "Avatar: O Caminho da Água" "Nada de Novo no Front" "Batman" "Pantera Negra: Wakanda para Sempre" "Top Gun: Maverick"
Melhor Animação em Curta Metragem Vencedor: "O Menino, a Toupeira, a Raposa e o Cavalo" "The Flying Sailor" "Ice Merchants" "My Year of Dicks" "An Ostrich Told Me the World Is Fake and I Think I Believe It"	Melhor Cabelo e Maquiagem Vencedor: "A Baleia" "Nada de Novo no Front" "Batman" "Pantera Negra: Wakanda para Sempre" "Elvis"	Melhor Canção Original Vencedor: "Naatu Naatu" (de "RRR") Sofia Carson – "Applause" (de "Tell it Like a Woman") Lady Gaga – "Hold My Hand" (de "Top Gun: Maverick") Rihanna – "Lift Me Up" (de "Pantera Negra: Wakanda Para Sempre") Son Lux – "This is a Life" (de "Tudo em Todo o Lugar ao Mesmo Tempo")
Melhor Documentário em Longa Metragem Vencedor: "Navalny" "All That Breathes" "All The Beauty and the Bloodshed" "Fire of Love" "A House Made of Splinters"	Melhor Figurino Vencedora: Ruth E. Carter, por "Pantera Negra: Wakanda para Sempre" "Babilônia" "Elvis" "Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo" "Sra. Harris Vai a Paris"	Melhor Som Vencedor: "Top Gun: Maverick" "Nada de Novo no Front" "Batman" "Avatar: O Caminho da Água" "Elvis"
Melhor Documentário em Curta Metragem Vencedor: "The Elephant Whisperers" "Haulout" "How do You Measure a Year?"	Melhor Trilha Sonora Original Vencedor: "Nada de Novo no Front" "Babilônia" "Os Banshees de Inisherin" "Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo"	Melhor Montagem Vencedor: "Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo" "Os Banshees de Inisherin" "Elvis" "Tár" "Top Gun: Maverick"

NHONHO MAGALHÃES

TARCILIO DE SOUZA BARROS

Após 10 anos de minuciosa restauração será aberta a visitação pública ao Palacete de Nhonho Magalhães, idealizado e construído pelo Barão do Café Nhonho Magalhães. O espaço fica localizado no bairro Higienópolis, grande São Paulo.

A construção foi iniciada em 1910 e conta com área útil de 3,5 mil m² em um espaço total de 7 mil m².

Nhonho Magalhães trouxe os mais famosos artífices mestres da Itália que deram uma edificação no estilo eclético, ressaltando desde a arte barroca, manuelina, culminando no estilo mourisco.

Foram empregados na construção

madeiras de lei, mármore de carrara e todo material de construção da época. Aplicaram entalhes e relevos clássicos em portas, janelas e demais partes interiores. As portas e janelas no estilo mourisca receberam entreliças para permitir que o frescor externo entrasse.

Já os vitrôs foram importados da Europa em sensíveis tonalidades de cores que embelezam as salas e salões do palacete, enquanto que estilosos desenhos em paredes espelham o estilo muxarabi.

Porém, no meio da construção Nhonho Magalhães, "sponsor" da obra, veio a falecer e seus familiares deram continuidade a edificação, por isso apli-

caram no final da obra o estilo Art Déco.

A família do falecido residiu por um tempo no palacete, mas acabaram se mudando para outro local, ficando o palacete em desuso por muitos anos, dando o processo de desintegração artística no seu interior.

Por conta disso, recentemente o famoso arquiteto Antônio Sarasá foi convidado para dar reinício à reforma do local, seguindo os padrões originais.

O recém-inaugurado, o Palacete de Nhonho Magalhães fez um Open House com extensa agenda de atividades culturais nos moldes dos grandes palacetes europeus. Essa obra entregue ao público honra a cidade de São Paulo.

Foto: Divulgação





Foto: Estevam Romena

ATSUNOBU KATAGIRI

REDAÇÃO

A Japan House São Paulo (JHSP) acaba de inaugurar a instalação botânica “ESSÊNCIA: Jardim Interior – Atsunobu Katagiri”, que convida o público a vivenciar uma forma de coexistência entre o homem e a natureza.

Atsunobu Katagiri, mestre em Ikebana, é conhecido por sua abordagem

contemporânea no uso de plantas e flores, combinando em seu trabalho aspectos criativos tradicionais e questões atuais. Dessa forma, “ESSÊNCIA: Jardim Interior – Atsunobu Katagiri” ocupa o andar térreo da JHSP, cuja parede de vidro será coberta por imagens de flores de várias origens, que foram se-

leccionadas, escaneadas e ampliadas pelo próprio artista, criando um clima mais intimista e acolhedor no espaço. Os visitantes encontrarão um ambiente com diversas plantas, flores e substratos, como musgo, por exemplo, vegetação que requer pouca manutenção. No Japão, eles possuem grande importân-



Foto: Estevam Romena

cia, sendo elementos essenciais nas florestas e jardins, representando conceitos como beleza, simplicidade e sofisticação, além da estética do wabi-sabi (transitoriedade e imperfeição).

“A natureza é de onde viemos e para onde vamos, é elemento fundamental para a existência de qualquer ser vivo, mas também para nossa sanidade. A inserção na obra do Katagiri instiga o contato com nossos pensamentos, esse mundo todo que habita dentro de nós, e possibilita resgatar nossa percepção de bem-estar, quase como se estivéssemos dentro de um santuário. É uma forma de conexão e compreensão da magnitude dessa relação e, sobretudo, um alerta para sua fragilidade e finitude. Afinal somos, nós, natureza”, comenta Natasha Barzaghi Geenen, Diretora Cultural da Japan House São Paulo e curadora da exposição.

Por se tratar de uma instalação viva,

ao longo de oito semanas será possível observar os diferentes ciclos de vida de cada elemento; espécies que se desenvolvem e outras que chegam ao seu fim. Mais do que trazer a natureza para dentro da cidade, o artista, que expõe pela primeira vez na América Latina, faz uma homenagem à sua força regeneradora, sem domá-la. A exposição contará com extensa programação paralela com a participação de Katagiri como palestras, workshops e visitas guiadas.

Sobre Atsunobu Katagiri

Nascido em Osaka em 1973, Katagiri tornou-se mestre da escola Misasagi Ikebana aos 24 anos e é conhecido por incorporar abordagens tradicionais e modernas em seu trabalho de ikebana e por sua colaboração com artistas de diferentes esferas. Sua atuação é marcada pela criação de pequenas composições usando flores silvestres,

mas também peças majestosas feitas com flores de cerejeira. Katagiri transita entre a tradição e questões atuais, como pode ser visto em muitos de seus trabalhos como seu projeto chamado “Sacrifício”, resultado de sua experiência na cidade de Minamisoma, em Fukushima, região devastada pelo terremoto de 2011. Ali, Katagiri notou a resistência e o crescimento da vegetação nativa da região, mesmo após um desastre, o que o impulsionou a criar arranjos de flores no meio das ruínas, como uma forma de expressar e homenagear tal contradição.

Serviço

Exposição “ESSÊNCIA: Jardim Interior – Atsunobu Katagiri”

Período: até 30 de abril

Local: Japan House São Paulo | Avenida Paulista, 52 – São Paulo/SP

Entrada gratuita

**Sonho
não tem
idade**

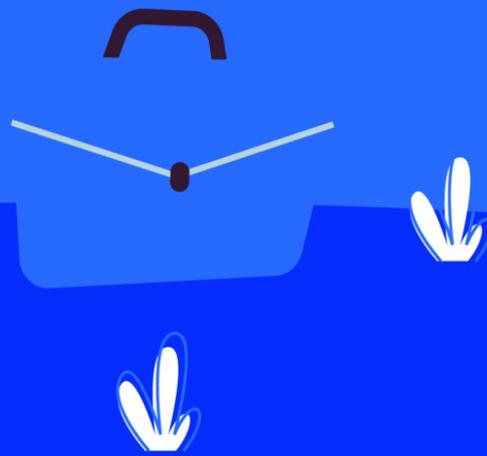




Foto: Divulgação

ESCOLA DE QUEBRADA

REDAÇÃO

Acaba de estrear no Paramount+ o novo longa-metragem original da plataforma de streaming “Escola de quebrada”, uma comédia juvenil que retrata a cultura jovem nas favelas de São Paulo.

O filme é a segunda produção cinematográfica da divisão de estúdios da Paramount produzido no Brasil e conta com a parceria de KondZilla, com criação de Kaique Alves e direção de Alves e Thiago Eva.

“Escola de quebrada” conta a história

de Luan (Maurício Sasi), um jovem estudante de escola pública da Zona Leste de São Paulo que, cansado de sempre ser excluído dos grupinhos e, principalmente, ser invisível aos olhos de Camila (Laura Castro), quer ser respeitado e popular.

Sinopse

Em Escola da Quebrada, Luan é um jovem estudante de escola pública da Zona Leste de São Paulo que, cansado

de sempre ser excluído dos grupinhos e ser invisível aos olhos de Camila, quer ser respeitado e popular. Na tentativa de fazer parte de algum grupo, Luan consegue fazer o oposto de conquistar a amizade de alguém, o que até coloca em risco o amado campeonato de futsal da escola. Para fugir dessa bagunça, ele vai precisar da ajuda de seus amigos Rayanne e Deivid para encontrar uma maneira de salvar o campeonato e obter a tão desejada atenção de Camila.

FRANCISCO, EL HOMBRE

REDAÇÃO



Foto: Divulgação

Os versos que abrem esse texto fazem parte da canção “Triste, Louca ou Mã”, da Francisco, el Hombre. Lançada em 2016, essa música se tornou um manifesto feminista que ecoa em diversas vozes e espaços, como as de Maria Gadú, Liniker, Juliette e Mariana Aydar. Agora, em comemoração aos 10 anos de estrada, a banda dá novos contornos à

obra, que foi responsável por catapultá-los ao reconhecimento internacional. LAZÚLI, Mateo Piracés-Ugarte, Sebastianismos, Andrei Kozyreff e Helena Papini entregam hoje, 8 de março, uma versão festiva com energia renovada, mas sem deixar de lado a mensagem potente que “Triste, Louca ou Mã” carrega (ouça aqui).

“Ela é uma das músicas mais significativas que temos na história da banda, mas, uma vez que uma música nasce, ela não é mais exclusiva sua, ela cria vida própria”, resume LAZÚLI sobre as movimentações e alcance de “Triste, Louca ou Mã”, que teve o seu videoclipe gravado em Cuba e já soma mais de 39 milhões de visualizações no YouTube (assista aqui). “Isso é ótimo por inúmeros motivos, principalmente, porque a mensagem tem que chegar a todos os cantos e ouvidos possíveis”, complementa.

A releitura deste clássico da Francisco, el Hombre foi baseada na interpretação que o grupo apresenta no Calor da Rua, bloco comandado pelo quinteto no carnaval de São Paulo. “Ter a oportunidade de regravar esse som depois de tanto cantá-lo e saber que a versão original já está muito bem trabalhada com o público nos possibilitou trazer uma vibe mais festiva, sem perder a essência da música”, afirma a cantora.

“Triste, Louca ou Mã” integra o disco 10 años, previsto para abril e que celebra a primeira década de estrada da Francisco, el Hombre. Essas releituras expressam todas as transformações que

MÚSICA

o grupo experienciou ao longo dos últimos anos e também irão ecoar em uma turnê comemorativa em 2023. Entre as datas já confirmadas, estão: 10 de março, em Montevideu, no Uruguai; 11 de março, em Buenos Aires, na Argentina; 17 de março, no Lollapalooza Chile; e a estreia no Brasil, no dia 20 de abril, no Circo Voador, no Rio de Janeiro. Em breve, novas informações serão anunciadas.

Ao lado de “Bolso Nada”, “Tá Com Dólar, Tá Com Deus” e “Calor da Rua”, “Triste, Louca ou Má” faz parte do álbum de estreia da Francisco, el Hombre, Soltasbruxa (2016). Para somar na celebração dos 10 anos na estrada, a banda vai lan-

çar uma nova tiragem limitada de discos de vinil deste trabalho. A nova edição terá capa dupla com encarte duplo e, diferente do primeiro lançamento, o vinil será fumê – resultado da parceria entre os selos Romaria Discos e Amigos do Vinil. Eles já estão à venda.

Ficha Técnica

Voz Principal: Juliana Strassacapa

Back Vocals: Helena Papini, Mateo Piracés Ugarte e Sebastián Piracés Ugarte

Coros: Lays Mllanello, Helen Fernandes de Sousa, Luê Nayá Jansen Soares, Juliana Strassacapa, Helena Papini

Bateria: Sebastián Piracés Ugarte

Baixo: Helena Papini

Violão: Mateo Piracés Ugarte

Guitarra: Andrei Kozyreff

Percussão: Maicon Faquim Araki e Juliana Strassacapa

Gravado no Estúdio LAB Sound

Edição: Celso Rocha, Max Matta e Mateo Piracés Ugarte

Produção: Francisco, el Hombre & Mateo Piracés-Ugarte

Mixagem: Zeca Leme

Master: Flor Saraiva

Produção: Difusa Fronteira

Distribuição: OneRPM

Manager: Felipe Gonzalez

Foto: reemonteiro



RESERVA

CULTURAL

2^{as} e 3^{as}

SEU INGRESSO
VALE MAIS
no Reserva

APRESENTE SEU INGRESSO DE CINEMA DO DIA
E GANHE MUITOS DESCONTOS.

JUNTOS
PELO
CINEMA

RESERVA
CULTURAL

VEJA PROGRAMAÇÃO COMPLETA www.reservacultural.com.br

"O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER?"

Não proteger a infância
é censurar o futuro.



MPT

Ministério Público do Trabalho

LAERTE SARRUMOR

MAURÍCIO ARAÚJO

Confira a entrevista da Kultura com Laert Sarrumor, vocalista da banda Língua de Trapo

Kultura: Como nasceu a banda Língua de Trapo que agora completa 40 anos?

Laert: A Língua de Trapo nasceu nos corredores de uma faculdade de comunicação, que é a faculdade de

jornalismo Cásper Líbero, em São Paulo, na Avenida Paulista, naquele prédio icônico da Gazeta, na avenida Paulista.

Na virada dos anos 70 para os anos 80, fomos fazer jornalismo ali, eu, Lucas Domênico, Carlos Melo e Pituco, o núcleo fundador. Logo em seguida veio o Ayrtton e Júnior, que também faz a Rádio Matraca na USP FM comigo. A gente tinha acabado de entrar na faculdade e

nas horas vagas pegava um violão.

Ali a gente se conheceu e tivemos uma identificação bem rápida pela via do humor, todo mundo revoltado, meio doidão, fazendo sátiras políticas e sociais. Vimos ali que era o embrião de alguma coisa que a gente não sabia o que era.

Aí começamos fazer shows na própria faculdade, em sala de aula, e

Foto: Divulgação





Foto: Divulgação

logo acabamos migrando para outras faculdades, porque ficaram sabendo que tinha um bando de malucos ali na Cásper. Fizemos vários shows na USP, depois vários festivais pelo interior de São Paulo. Esse foi o comezinho, o embrião da banda.

Gravamos uma fita cassete independente chamada "Sutil como um cassete" que a gente vendia na porta dos shows. Até que, em 1981, a gente participou de um projeto coletivo de vários artistas inéditos que não tinham onde se apresentar e que através desse projeto puderam se apresentar no teatro Lira Paulistana, na praça Benedito Calixto, em Pinheiros. O Lira Paulistana foi um teatro que ficou marcado na história e se transformou em um ícone da cultura paulistana dos anos 80, tanto que depois a imprensa rotulou de Vanguarda Paulista e Geração Lira Paulistana. E ali começaram a surgir bandas, não só o

Língua de Trapo, como Premeditando o Breque, Itamar Assunção, Grupo Rumo, as cantoras todas, Cida Moreira, Tetê Espíndola. E logo em seguida, mais no meio da década em 84 e 85, veio a turma do rock que começaram a frequentar muito ali, como Inocentes, Ratos de Porão, Cólera, várias bandas, não só punk, mas de várias vertentes do rock. Foi uma casa que marcou vários estilos musicais independentes que não tinham lugar no mainstream, então caía tudo lá no Lira.

Como chegou ao álbum?

A gente começou a fazer shows no Lira, além desse projeto coletivo inicial que a gente participou que fomos convidados a fazer vários shows individuais lá no teatro e chegamos no momento que sentimos a necessidade de uma bolacha, precisávamos de um bolachão né, pois estava na hora de gravar um

disco independente, que era a única maneira que havia na época, pois as grandes gravadoras não queriam saber dessa turma, estavam com as costas viradas para o que acontecia na cultura de São Paulo.

Então, a princípio, a gente começou a gravar por conta própria. Arrumamos um estúdio no bairro Santa Cecília, que inclusive era do grande Zé Rodrix e do Tico-Teco, os dois mentores da banda Joelho de Porco, que por acaso eram os nossos ídolos e nossa referência de humor. Eles, Os Mutantes, Rita Lee, Raul Seixas eram as nossas referências mais imediatas de humor. Então foi um grande barato, um grande prazer estar ali na casa dos nossos ídolos.

Só que aí a grana acabou, ficou curta, acabou tudo, então a gente conseguiu juntar entre nós mesmos e aí a gente bateu na porta do Lira mais uma vez e dissemos "escuta, dá para vocês entrarem aí e fazer uma coprodução com a gente e tal?". Então eles entraram na parte já dá mixagem para frente, eles cuidaram da capa, da distribuição, enfim, e saiu pelo selo Lira Paulistana. Então é uma coprodução da própria banda com o Lira esse primeiro disco, o azulão, aquele de capa azul que tem Concheta, Xingu disco, Vampiro. As músicas mais conhecidas da banda talvez estejam nesse disco. Ele saiu em 1982.

E esse disco, que saiu no início da década de 80, marcou muito porque tinha diversos ritmos, já que as músicas tinham esse diferencial, dentro de um álbum. O objetivo era esse mesmo ou acabou acontecendo?

Eu acho que foi natural, foi uma coisa natural. Para começar, cada um de nós da banda tinha suas influências mu-



Foto: arquivo pessoal

sicais. Um era mais roqueiro, outro era mais sambista e gostava de Noel, enfim. Já essas influências pessoais trouxeram essa diversidade de gêneros para dentro da banda. E para além disso, como o humor era o carro chefe, a mola mestre, eu acho que a cada música o tema acabava pedindo um estilo diferente. Então a gente fez uma toada caipira falando dos exilados que foram para o exterior, fizemos uma discoteca falando da questão do índio xingu, que infelizmente continua atualíssimo porque a questão do índio não termina, só extermina.

Uma coisa que ajudou muito a di-

vulgar o disco foi que a gente teve essa ideia de colocar no encarte as cifras das músicas. Isso ajudou muito porque o pessoal num bar, num acampamento, na praia, em qualquer lugar, tinha lá o encarte já com as cifras, com a letra e já sai uma Concheta. Até hoje muita gente me fala “nossa, eu cantava muito as músicas de vocês nas praias, nas viagens”.

Na época tinha uma publicação chamada Violão e Guitarra, que era justamente uma revista só com letras de músicas e as cifras, que era uma mão na roda para quem tocava na noite, música de barco, coisa e tal. Aí eu falei

“vamos botar no encarte, já facilita para a moçada”.

Nesse período também você tem sua história na rádio USP, com o programa Rádio Matraca. Você, Alcione e Ayrton Júnior. Como iniciou esse projeto?

O show do Língua era um show multimídia, não que seja proposital, mas acabou acontecendo. Como é de humor, então a gente começou a sentir necessidade de além da música começar a agregar vários elementos, como teatro, que foi uma coisa mais do que natural porque cada música já pedia

uma interpretação, um personagem. O caipira, a gente se fazia de caipira evidentemente, o índio meio que vinha do Village People. Então, cada música a gente fazia um personagem. Um amigo nosso que é um super diretor de publicidade hoje em dia estava começando também nessa coisa de audiovisual e ele fazia em superoito nos anos 80, ele começou a fazer uns filmes que passavam durante o show, então a gente tinha aí o cinema e pra gente trocar de roupa de uma música pra outra, às vezes dava um certo hiato, um certo buraco. Então a gente começou a fazer uma rádio fictícia, que nessa época já chamava Rádio Matraca e, durante os shows, nas brechas entre uma música e outra, para gente poder trocar de figurino, colocávamos aquela fita casete pro pessoal poder ouvir na penumbra, com esquetes humorísticas, imitações e coisa e tal enquanto a gente se trocava. Era rápido, coisa de 30 segundos, um minuto no máximo, mas isso aí dava um certo dinamismo no show para não dar buraco.

O André Barbosa Filho, coordenador da Rádio USP, isso já em 1985, ele foi ao show e falou “pô, mas essas vinhetas que vocês colocam é bem legal. Vocês não querem fazer isso aí numa emissora de verdade, fazer um programa de rádio?”. Ai nós pensamos “caramba! Será que a gente tem capacidade?”. E o André disse que tiraríamos de letra e nos convidou então para Rádio USP. Em março de 1985 estreou a Rádio Matraca que já faz quase 40 anos também.

A Alcione não estava nessa época, ela é bem mais novinha que a gente, nossa mascote, mas já estava o Ayrton Cunha Júnior, o Lisoel Costa, o Oscar Pardini, que depois ele foi para o Café com Bobagem, Pegadinhas do Faustão

e tal, um grande humorista, estava lá com a gente, ele fazia Cásper também, e o Carlos Melo.

Era uma programação de sábado na USP que era bem legal, tinha não só o Língua de Trapo mas também o Premê, ele fazia um programa lá também que chamava Quase Lindo e tinha também o programa de rock, era uma programação bem diferenciada aos sábados à tarde.

A gente ficou lá um ano e depois fomos para a 97 FM, de Santo André, onde ficamos um ano também. Em 1997 a gente retornou para a USP e de lá para cá não saímos mais, e já faz mais de 20 anos fazendo lá aos sábados, às 17h.

A Alcione entrou em 98. Ela é amiga do Ayrton Cunha Júnior e eles são fissurados em discos antigos, eles se conheceram em feiras de discos. Ela fazia o curso de Rádio TV na Metodista e o Ayrton a convidou quando ainda era recém-saída da faculdade, ela tinha 20 e poucos aninhos e aí veio em 98 e tá com a gente até hoje também. Com a gente as coisas duram bastante (risos).

Na noite tudo é muito efêmero, uma casa que é para durar acaba fechando em dois anos. Mas com a gente não, com a gente é tudo assim.

A banda tem 43 anos porque aconteceu o seguinte, em 2020 nós fizemos 40 anos e fomos atropelados pela pandemia. A gente tinha pensado em uma super agenda de aniversário dos 40 anos e foi tudo por água abaixo por causa da pandemia e ficamos aí quase três anos sem poder atuar presencialmente. Fizemos muita live, essas coisas na internet, mas presencialmente a gente ficou longe do público, pensamos “então quando a gente voltar, nós vamos comemorar com o público os 40 anos. Essa festa tá entalada!”

Mas a Rádio Matraca, o que é interessante falar é do formato do programa. Porque ele não é só a questão musical, tem um conceito por trás, vocês trabalham alguns assuntos específicos onde ali você pega músicas que tem a ver com aquele assunto. Como é essa produção?

A Rádio Matraca foi mudando um pouquinho de formato ao longo dos anos. Já há algum tempo que a gente chegou nisso que você tá falando que é trabalhar com especiais, com temas. Acho que torna mais saboroso. Isso demanda uma pesquisa, e são os temas mais variados possíveis. Desde o programa que fala da cor azul, então vamos pegar só músicas que falam de azul, vestir azul ou o céu azul. Você começa a lembrar de músicas que falam de azul. Até ritmos musicais, fazer um programa só de chorinho, faz um programa só de blues, um programa falando só de música clássica. Enfim, são muitos assuntos, muitos temas. Também programas dedicados a artistas, que esses rendem bastante, porque você pega um artista que geralmente a gente escolhe da nossa preferência, artistas que a gente já gosta, que tem uma identificação com eles e disseca a vida e a obra daquele artista e sempre de uma maneira diferenciada, através da via do humor. Você que ouve o programa, você sabe o que a gente sempre tem aquela maneira descontraída de apresentar, sempre com tiradas, humor, imitações, sempre essa coisa jocosa e engraçada.

E continua até hoje. A partir das 17h todo sábado na Rádio USP, 93,7 FM. E além disso, ela é rerepresentada terça-feira, à meia noite e pode ser ouvida na internet, também no portal da Rádio USP.

PICASSO

REDAÇÃO

“Imagine Picasso” reúne mais de 200 das obras mais reconhecidas de Pablo Picasso, juntas pela primeira vez.

A exposição está em cartaz no Shopping Morumbi e promete oferecer ao visitante uma experiência multissensorial da obra de uma dos principais artistas da história.

As pinturas projetadas em “Imagine Picasso” são provenientes de coleções de museus de prestígio, como o Musée

National Picasso de Paris, o Museo Picasso de Barcelona, o MoMa de Nova York, o Pushkin Museum de Moscou e também de coleções particulares. Uma seleção impressionante impossível de reunir fisicamente no mesmo lugar ao mesmo tempo por conta do alto custo de transporte e seguro.

Picasso é o único artista moderno cujas obras são classificadas como tesouros nacionais e proibidas de circular

e emprestadas.

Serviço

Imagine Picasso

Temporada: até 18 de junho de 2023

Onde: Morumbi Shopping | Avenida Roque Petroni Júnior, 1089 - Piso Térreo - São Paulo, SP

Ingressos: a partir de R\$ 32 | biletosympla.com.br/

Foto: Divulgação





An aerial photograph showing a coastal town nestled at the base of a large, forested hill. A multi-lane road curves along the side of the hill, with several vehicles visible. In the background, a large body of water stretches to the horizon under a clear sky. A large teal graphic element is overlaid on the left side of the image.

A Arteris está de cara nova

E sempre em
movimento

CONTE COM NOSSO TIME PARA CUIDAR

Do seu Negócio



ÊXITO

(11) 4419-0951

DANÇA

MERCÚRIO

REDAÇÃO

Encontros, desencontros, de amor e coragem é o que trata o espetáculo de dança “Mercúrio”, que é idealizado pelo bailarino Luiz Oliveira e tem coreografia de Henrique Rodovalho.

O espetáculo acontece nos dias 1 e 2 de abril no Sesc Santana e tem como ponto de partida o poema “Fevereiro”, da poeta portuguesa Matilde Campilho.

“Por meio do poema declamado pela própria autora, o espetáculo é instigado, é provocado a existir e a ser exposto. A obra em cena, uma dança de corpos e de intenções múltiplas sobre uma relação de amor com suas leituras e possibilidades de existências, se revela pelos próprios intérpretes, Irupé Sarmiento e Luiz Oliveira, e também pelos olhos externos de quem observa e

Foto: João Pacca

por vezes, se envolve”, afirma o coreógrafo.

“Naquele momento (pandemia), o poema se revelou um respiro em meio ao caos. Não há rimas, mas tudo se encaixa. Tive vontade de criar e de poder enxergar a possibilidade de um lugar não comum, onde amores são possíveis, onde o vento sopra no rosto, onde a beleza abraça e nos dá a possibilidade da esperança”, revela o bailarino e idealizador do projeto. “Hoje, nesse momento do país, parece que o poema nunca foi tão necessário”, completa Luiz Oliveira.

Ficha técnica

Concepção: Luiz Oliveira

Coreógrafo: Henrique Rodovalho

Intérpretes Criadores: Luiz Oliveira e Irupé Sarmiento

Luz e Trilha sonora: Henrique Rodovalho

Operação de luz: Rossana Boccia

Figurinista: Bruna Fernandes

Artista visual: João Pacca

Assessoria de imprensa: Flavia Fontes

Produção executiva: Caroline Zitto

Serviço

Mercúrio

Quando: 01/04, sábado, às 20h00;
02/04, domingo, às 18h00

Onde: Teatro Sesc Santana | Av. Luiz Dumont Villares, 579 - Santana, São Paulo/SP

Ingressos: www.sescsp.org.br/

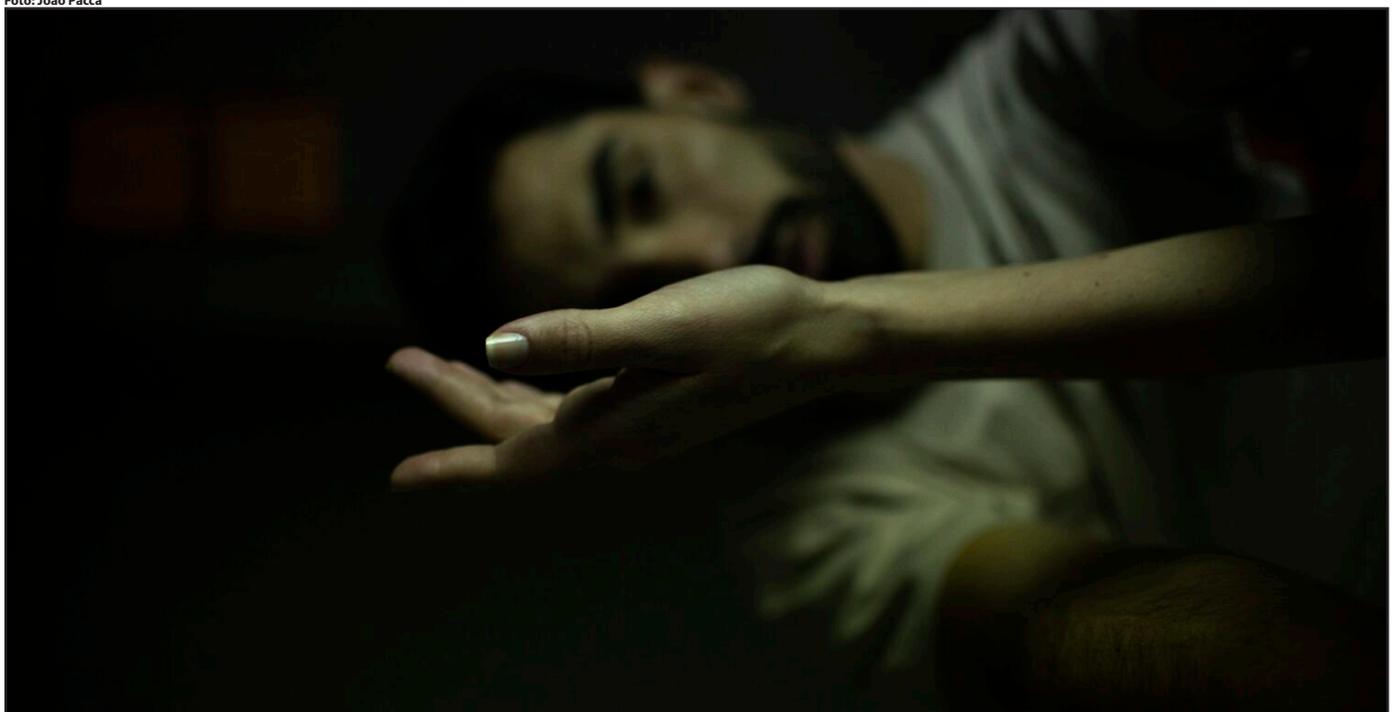




Foto: Guilherme Radell

STALKING

REDAÇÃO

A peça “Stalking – um conto de terror documental” faz uma temporada no Teatro Cacilda Becker até o dia 9 de abril. Stalking aborda um caso de assédio que começou no ambiente de trabalho e mescla a realidade crua com elementos de terror e de contos de fadas.

A partir da história vivida pela atriz Livia Vilela, Paulo Salvetti construiu a dramaturgia. A dupla também forma o elenco. No processo, a equipe percebeu que a narrativa poderia ser ainda mais

impactante se explorasse também dispositivos típicos dos contos de fadas. Seria uma forma de evidenciar como a sociedade foi estruturada a partir dos comportamentos machistas e abusivos presentes na maioria, se não em todas as histórias infantis.

Para dar a atmosfera da história, a peça tem elementos típicos de histórias assustadoras, como iluminação mais baixa, som mais alto, gritos e até sangue falso.

Para adentrar nesse universo fanta-

sioso, todos os personagens masculinos são representados por meio de figuras grotescas, que remetem aos lobos das histórias infantis. Além disso, dança, máscaras e animação de objetos são incorporadas à encenação ao lado de documentos chocantes, como os áudios, canções e e-mails enviados pelo perseguidor.

“Em cena, a protagonista monta grandes quadros com evidências, e ao final, é como se toda uma cena de crime estivesse preparada no palco.



Foto: Betânia Dutra

Assim, a peça nunca perde seu caráter documental e de true crime”, conta Rita Grillo, codiretora. A temporada conta com sessões às sextas e sábados, às 21h, e, aos domingos, às 19h. Os ingressos custam de R\$15 a R\$30 e podem ser adquiridos de forma antecipada no site Benfeitoria.

Uma luta e seus desdobramentos

Ao mesmo tempo, o espetáculo-denúncia reflete sobre a impunidade comumente concedida aos homens. Em oito anos de reviravoltas envolvendo polícia, advogados, medidas protetivas e uma escalada crescente de violência por parte de seu perseguidor, Livia nunca se sentiu completamente segura. E, somente em 2022, foi expedido um primeiro mandado de prisão.

Apesar da dificuldade que teve em ser ouvida, sua luta trouxe ganhos para todas as mulheres. Em 2015, o ato de stalkear alguém não era visto como um problema pela sociedade. A situação só mudou em 2021, com a aprovação da Lei 14.132, que determina que perseguir alguém continuamente, seja física ou virtualmente, é crime. E Livia se tornou uma das primeiras pessoas no Brasil protegidas pela Lei Maria da Penha

por sofrer esse tipo de assédio.

Essa peça, então, surgiu como um grito coletivo de liberdade e emancipação. “É um trabalho sobre as marcas deixadas no corpo de uma mulher. É sobre o medo de falar por já se saber desacreditada. É sobre as potências interrompidas em razão de um masculino que se sobrepõe em todas as instâncias da vida. É sobre todo o caminho exaustivo a se percorrer por apenas querer dizer a verdade”, comenta a atriz.

Sinopse

“Stalking – um conto de terror documental” é uma peça true crime baseada em um caso real de perseguição: no ambiente de trabalho, uma mulher começa a sofrer uma relação de assédio que transforma sua vida em um verdadeiro conto de terror. Em clima de deboche do patriarcado, a linguagem do espetáculo flerta com o universo do terror e dos contos de fadas, mapeando estruturas que precisamos desarmar para combater o machismo patriarcal tão fortemente enraizado em nossa sociedade.

Ficha Técnica

Atuação: Livia Vilela e Paulo Salvetti
Codireção: Elisa Volpatto e Rita Grillo
Assistência de Direção: Jackeline Stefanski Bernardes
Dramaturgia: Paulo Salvetti
Trilha Sonora Original: Malka Julieta
Iluminação: Gabriele Souza
Direção de Arte: Beatriz Barros
Provocação: Janaína Leite
Fotos: Betânia Dutra, Anna Bueno e Guilherme Radell
Identidade Visual: Orú Florydo
Operação de Som: Jess Silva
Operação de Luz: Sancler Pantano
Edição Vídeo Benfeitoria: Igor Luís
Produção: Corpo Rastreado – Gabs Ambròzia

Serviço

Stalking – um conto de terror documental

Quando: até 9 de abril, às sextas e sábados, às 21h, e, aos domingos, às 19h

Local: Teatro Cacilda Becker |
Endereço: R. Tito, 295, Lapa

Ingressos: R\$30 (inteira) e R\$15 (meia-entrada) | Compre o ingresso com antecedência no site Benfeitoria

Duração: 90 minutos

Classificação: 16 anos

CINUSP

REDAÇÃO



Filme "Fome Animal",
de Peter Jackson

Foto: Reprodução

Até o dia 8 de abril, o CINUSP apresenta, em mais uma edição, a mostra "Para Gostar de Cinema", com 14 filmes capazes de tirar o fôlego e deixar o público na ponta da cadeira, filmes que arrebata e mexem com o espectador de alguma forma.

Filmes de guerra sempre provocam reações fortes - sejam elas positivas ou não - mas *Vá e Veja*, de Elem Klimov, é estonteante. A Segunda Guerra Mundial é retratada como uma história de terror, sem medo de escancarar em sequências violentas ou em cenas surreais os horrores provocados pelo Exército Nazista na URSS. Sendo considerado

um dos melhores filmes de guerra da história do cinema. Outro clássico do cinema, *Um Corpo que Cai*, de Alfred Hitchcock, continua a trajetória de seu diretor enquanto mestre do suspense com uma história cheia de reviravoltas e que engaja o espectador por isso, mantendo sempre uma aura de mistério. Além do uso inventivo da fotografia, inaugurando o conhecido efeito *Vertigo*, esse foi o filme eleito melhor do mundo pela *Sight and Sound* em 2012.

O suspense, quando bem utilizado, é um recurso que engrandece obras e faz com que elas tenham o poder de capturar o público, e esse é o caso

de *Não! Não Olhe!*, de Jordan Peele. O filme, recém saído do cinema, trabalha com a expectativa do público numa mistura de ficção científica com terror, buscando a subversão de clichês e das próprias expectativas criadas. Outro terror que usa o suspense a seu favor é *Posseção*, de Andrej Zulawski, contando a história de uma mulher que começa a agir de maneira estranha. A forma como a "loucura" da personagem escala junto com o filme rende cenas icônicas que, ao misturar terror e horror, com cenas gore, violentas e cheias de sangue, renderam ao filme um novo público hoje, por meio da internet.

Alguns outros filmes têm na violência de suas imagens e histórias aquilo que potencializa seus efeitos sobre o espectador. Fome Animal, do Peter Jackson, é um filme também de horror, considerado um dos mais sangrentos da história. Capaz de juntar as características de um filme de zumbi, com muito sangue e partes de corpos multiados, a cenas engraçadas, assim evocando uma miríade de sensações - boas e ruins - em quem o assiste. Amores Brutos, do mexicano Alejandro Iñárritu, também tem na violência sua face mais potente. Com uma narrativa tripartite, duas coisas unem as três histórias: cachorros e a violência da sociedade - ambos explorados em histórias quase absurdas de três personagens diferentes, com uma montagem acelerada e um ritmo frenético.

Em Os Bons Companheiros, de Martin Scorsese, um filme de máfia, que trata essa forma de crime como o estrelato. A violência tornada espetáculo e a

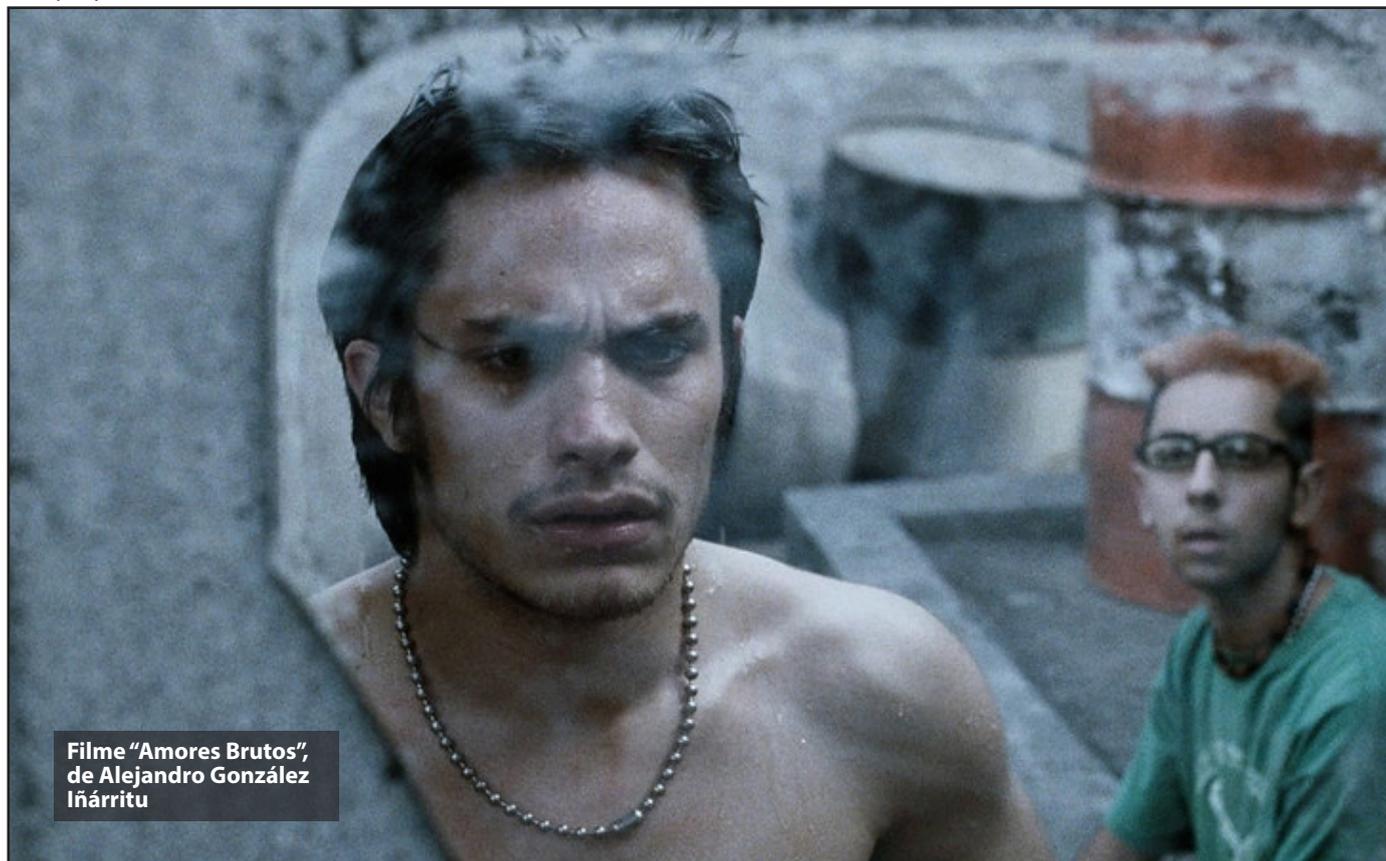
fluidez da direção, que ironiza a própria glamourização que opera, fazem do filme uma obra cativante. Já em Herói, de Zhang Yimou, é a beleza e a grandeza da fotografia, junto com o uso de múltiplos pontos de vista para contar uma história épica da China Imperial, que garantem ao longa um espaço dentro da programação.

Mas não são apenas grandes experiências épicas, com narrativas complexas e imagens extraordinárias que são capazes de arrebatá-lo, às vezes o cotidiano quando bem trabalhado é o suficiente. É o caso do filme Jeanne Dielman, de Chantal Akerman, eleito melhor filme do mundo pela Sight and Sound em 2022. Uma sinfonia do dia-a-dia de uma viúva de 40 anos, metodicamente filmada e encenada, em mais de três horas de filme, permitindo o espectador vagar nas imagens e pensar sobre a simplicidade do 'ser' cotidiano.

Outro filme que mergulha no banal,

é Uma Mulher Sob Influência, de John Cassavetes, mas é a ruptura do dito normal que se enfatiza. Ao acompanhar a "loucura" da protagonista, o filme se torna cada vez mais angustiante, com planos aproximados e sequências de câmera na mão, vai ficando clara a urgência da personagem e de seus problemas. Junto com o longa também exibiremos o curta Canções de Avignon, de Jonas Mekas, outro expoente do cinema indie norte-americano. O diretor e o movimento são conhecidos por suas representações do cotidiano, e o curta em questão trata de uma viagem de Mekas a Avignon, com toda a sensibilidade e sutilezas na montagem características do diretor.

Ao tratar de questões sociais importantes, um filme pode ser também extasiante e despertar algo dentro de quem o assiste. Eles Não Usam Black-Tie, de Leon Hirszman, fala sobre o movimento sindical e as greves como forma de conquistar direitos



Filme "Amores Brutos", de Alejandro González Iñárritu

CINEMA

trabalhistas. O filme incorpora o ódio e visceralidade da revolta, e os condensa em momentos de explosão contida. Outro longa que se beneficia da potência de uma problemática social é Touki-Bouki, de Djibril Diop Mambéty. A história de dois amantes tentando imigrar de Dakar para Paris explora as adversidades do caminho, o racismo e os resquícios coloniais da França. Com uma montagem que confunde os tempos dentro do filme e experimentações estéticas, a angústia e os sonhos dos personagens são muito bem representados.

O documentário Paris is Burning, de Jennie Livingston, traz para o cinema a cultura ballroom, com todo o brilho e irreverência dos artistas que nos são apresentados, mas sem perder de vista que se trata também de uma população marginalizada. E o longa All That Jazz - O Show Deve Continuar, de Bob Fosse,

também trata do glamour do show biz, mas nesse caso, os palcos são da Broadway. Num musical com tons autobiográficos, Fosse constrói um filme que fala da decadência de um homem, mas que não soa melancólico em momento algum. A inventividade de seus números musicais, e a forma orgânica como eles se integram ao resto do filme são seu maior atrativo.

Assim como na edição do ano passado, essa mostra tem uma BATALHA DE ANIMAÇÃO! Os filmes que competirão entre si são o clássico de animação stop motion A Fuga das Galinhas, de Peter Lord e Nick Park, filme que traz à tona importantes questões sociais com uma roupagem divertida, mas sem apagar o peso delas, e o famoso O Fim de Evangelion, de Hideaki Anno e Kazuya Tsurumaki, que reinventa o final da série de animação Evangelion, com sequências de animação

experimentais e reflexões filosóficas. O vencedor será decidido por votação popular no Instagram (@cinusp_) e a sessão com o vencedor ocorrerá no dia 31 de março, às 16h.

Sejam os clássicos que moldaram o fazer cinema, ou histórias épicas de personalidades peculiares, talvez experiências aterrorizantes de filmes de terror, ou ainda imagens tão fantásticas que queimam em nossas retinas por anos a fio. O CINUSP convida todos para sentir o arrebatamento que o cinema pode causar, e sentir emoções, das mais diversas, por meio da tela do cinema.

Programação

All That Jazz - O Show Deve Continuar

27/março 19h - CINUSP - Nova Sala

5/abril 16h - CINUSP - Nova Sala

Amores Brutos

Foto: Reprodução



Filme "Um Corpo que Cai", de Alfred Hitchcock



Filme "Paris is Burning", de Jennie Livingston

Foto: Reprodução

27/março 16h - CINUSP - Nova Sala
4/abril 19h - CINUSP - Nova Sala

Batalha de Animação

30/março 16h - CINUSP - Nova Sala

Eles Não Usam Black-Tie

28/março 19h - CINUSP - Nova Sala
6/abril 16h - CINUSP - Nova Sala

Fome Animal

23/março 19h - CINUSP - Nova Sala
4/abril 16h - CINUSP - Nova Sala
8/abril 16h - Cinusp Maria Antônia

Herói

20/março 16h - CINUSP - Nova Sala
25/março 16h - Cinusp Maria Antônia

nia

30/março 19h - CINUSP - Nova Sala

Jeanne Dielman

24/março 19h - CINUSP - Nova Sala
2/abril 16h - Cinusp Maria Antônia
Não! Não Olhe!

21/março 19h - CINUSP - Nova Sala
31/março 16h - CINUSP - Nova Sala
8/abril 18h - Cinusp Maria Antônia

Os Bons Companheiros

3/março 16h - CINUSP - Nova Sala
22/março 19h - CINUSP - Nova Sala

Paris is Burning

22/março 16h - CINUSP - Nova Sala
26/março 16h - Cinusp Maria Antônia

nia

31/março 19h - CINUSP - Nova Sala

Possessão

23/março 16h - CINUSP - Nova Sala
5/abril 19h - CINUSP - Nova Sala

Touki Bouki

29/março 16h - CINUSP - Nova Sala
1/abril 16h - Cinusp Maria Antônia
3/abril 19h - CINUSP - Nova Sala

Um Corpo que Cai

20/março 19h - CINUSP - Nova Sala

26/março 18h - Cinusp Maria Antônia
28/março 16h - CINUSP - Nova Sala

Uma Mulher Sob Influência + Canções de Avignon

24/março 16h - CINUSP - Nova Sala
1/abril 18h - Cinusp Maria Antônia
6/abril 19h - CINUSP - Nova Sala

Vá e Veja

21/março 16h - CINUSP - Nova Sala
25/março 18h - Cinusp Maria Antônia
29/março 19h - CINUSP - Nova Sala

Serviço

Sala Cinusp Paulo Emílio | Rua do Anfiteatro, 181, Colméia - Favo 04, Cidade Universitária, São Paulo, SP

Sala USP Maria Antônia | Rua Maria Antônia, 294, Vila Buarque, São Paulo, SP

Site: usp.br/cinusp/

LOLLAPALOOZA

REDAÇÃO



Ana Frango Elétrico se apresenta no Lollapalooza

Foto: Elizabeth Thiel

A décima edição do Lollapalooza Brasil no país será histórica, reunindo as atrações mais quentes da música contemporânea, além de marcar a estreia de vários nomes em solo brasileiro. É o caso da cantora Billie Eilish e do rapper sensação Lil Nas X, por exemplo, que sobem ao palco no dia 24 de março, sexta-feira. Já no sábado, os shows ficam por conta de Twenty One Pilots, Tame Impala, Jane's Addiction, a banda coreana The Rose e nomes nacionais como LUDMILLA, Filipe Ret e Pitty. O

último dia, 26 de março, domingo, completa a celebração da décima edição do festival no país com a estreia de Drake na capital paulista, show da cantora Rosalía, além da banda paranaense Tuyo, o trap de L7NNON, os clássicos de Os Paralamas do Sucesso.

Ainda há ingressos para o LollaBR nas modalidades: Lolla Double, com preços 20% menores que dois ingressos separados, Lolla Day, ingresso que dá acesso a um dos dias de evento; Lolla Comfort by next, que dá acesso à

uma área que estreou em 2022 e foi um grande sucesso, garantindo um espaço em que o conforto vem em primeiro lugar, com área de descanso, lockers e food trucks exclusivos, banheiros de água corrente, entre outras facilidades; Lolla Lounge by Vivo, ingresso para aqueles que procuram uma experiência mais premium dentro do festival, uma área VIP com open bar e food, after party, vista para 2 palcos, ativações de marcas exclusivas, meeting point, traslado de ida e volta e um telão com



Billie Eilish estreia no Brasil em apresentação no Lollapalooza

Foto: Reprodução

transmissão; além do Lolla Pass, que dá acesso aos três dias de evento.

Programação

24 de março, sexta-feira

Billie Eilish, Lil Nas X, Kali Uchis, Claptone, Gorgon City, Conan Gray, Rise Against, Mother Mother, Polo & Pan, John Summit, Pedro Sampaio, ANAVITÓRIA, Modest Mouse, Black Alien, Nora En Pure, Suki Waterhouse, Hot Milk, Devochka, Planta & Raiz, Madds, Öwnboss, Gab Ferreira, BABY, Aliados, Aline Rocha, Brisa Flow, Curol

25 de março, sábado

Twenty Øne Piløts, Tame Impala, Jane's Addiction, The 1975, Jamie XX, Wallows, Melanie Martinez, Sofi Tukker, YUNGBLUD, LUDMILLA, Purple Disco Machine, Filipe Ret, Pitty, Mochakk, Liu, Gilsons, Tássia Reis, Carol Biazin, Eli Iwa-

sa, Medulla, D-Nox, Mulamba, Almanac, Ana Frango Elétrico, Binaryh, Melanie Ribbe, Valentina Luz

26 de março, domingo

Drake, Rosalía, Armin van Buuren, Alison Wonderland, Tove Lo, Aurora, Fred Again.., L7NNON, The Rose, Cigarettes After Sex, Rashid, Baco Exu do Blues, Os Paralamas do Sucesso, Dubdogz x KVSH, Tuyo, O Grilo, Black Pantera, Rooftime, Santti, Larissa Luz, Carola, Deekpaz, Camilla Brunetta, Number Teddie, Carol Seubert

Serviço

Lollapalooza Brasil
Dias 24, 25 e 26 de março de 2023
Local: Autódromo de Interlagos, Av. Sen. Teotônio Vilela, 261 - Interlagos, São Paulo

Informações: www.lollapaloozabr.com/

Valores:

Para os dias 24 e 26:

Lolla Day: a partir de R\$ 550 (lote 1 - meia entrada)

Lolla Double: a partir de R\$850 (lote 1 - meia entrada)

Lolla Comfort by next (Day): a partir de R\$ 990 (lote 1 - meia entrada)

Lolla Lounge by Vivo (Day): a partir de R\$ 1.650 (lote 1 - meia entrada)

Lolla Pass: a partir de R\$1.500 (lote 4 - meia entrada)

Sábado, 25 de março: Lolla Day a partir de R\$650

Bilheteria oficial (sem taxa de conveniência)

Teatro Renault – Avenida Brigadeiro Luis Antônio, 411, Bela Vista

De terça a domingo: das 12h às 20h



Foto: João Pacca

HAMLET

REDAÇÃO

Até o dia 9 de abril, o Sesc 24 de Maio recebe a temporada da peça “O Dia das Mortes na História de Hamlet”, com direção de Guilherme Leme Garcia e texto de Bernard-Marie Koltès.

A peça condensa em um dia – o dos assassinatos – a tragédia de Shakespeare, Hamlet, por meio da escri-

ta de Koltès, que a transforma em uma crônica familiar contemporânea.

Gertrudes e Claudius, Ofélia e Hamlet, dois pares opostos, dois destinos opostos que, embora se oponham, incorporam a mesma visão desesperada em relação à condição humana, política e afetiva.

Ficha Técnica

Texto: Bernard-Marie Koltès

Tradução: Claudio Serra

Direção: Guilherme Leme Garcia

Assistência de direção: Sofia Papo

Elenco: Lavínia Pannunzio, Leopoldo Pacheco, Larissa Noel e Tiago Martelli

Desenho de Luz: Aline Santini



Foto: João Pacca

Cenografia: Mira Andrade
 Figurino: João Pimenta
 Trilha: Barulhista
 Aderecista: Murillo Carraro
 Visagismo: Leopoldo Pacheco
 Fotografia e Designer: João Pacca
 Diretor de Palco: Wesley dos Reis
 Contra-regra: Adriano Parelho
 Operador de Luz: Maurício

Shirakawa

Operador de Som: Vinicius Scorza
 Assessoria de imprensa: Adriana
 Monteiro – Ofício das Letras
 Supervisão de tradução: Angela
 Leite Lopes
 Idealização: Tiago Martelli
 Produção: Cicero de Andrade e
 Vivian Vineyard – Mosaico Produções

Serviço

O Dia das Mortes na História de
 Hamlet

Direção de Guilherme Leme Garcia e
 texto de Bernard-Marie Koltès

Onde: 24 de Maio | Rua 24 de Maio,
 109 - República, São Paulo/SP

Duração: 60 minutos

Classificação indicativa: +14

Ingressos: www.secsp.org.br/bilhetaria

RATOS DE BECO

BUILD UP MEDIA

Uma das bandas pioneiras do punk brasileiro, Ratos de Beco, lança um registro cru e pesado em todas as plataformas de música, além de um vinil de 7" com a gravação de um ensaio. "São Paulo, Setembro de 1978" é um álbum histórico e inédito que chega acompanhado de um encarte com material jornalístico e fotográfico para contextualizar a cena da época.

Criada por Miguel Barella (Agentss, Voluntários da Pátria e Blue Beast), RH Jackson (parceiro de João Debruço e Ratos de Porão), Guilherme Xepa e Roberto Refinetti, todas ainda na escola, Ratos do Beco surgiu antes de terem palcos disponíveis para o tipo de som que faziam e durou três meses no fim de 1978.

Por falta de locais para se apresentarem, os ensaios do grupo se transformaram em shows. Sempre apareciam amigos interessados em ouvir a "música punk", além de curiosos ocupantes dos carros que paravam no farol em frente à garagem onde a banda ensaiava com a porta estrategicamente aberta. Eles voltavam para ouvir a música de perto e perguntar que estilo era aquele.

Um desses ensaios foi gravado em fita de rolo, guardado por Barella, e se materializou neste vinil, quase 45 anos depois. O resultado é um documento fiel e detalhado da estética e espírito de uma época. Traz quatro composições originais dos Ratos do Beco, um trecho

de "Now I Wanna Sniff Some Glue" dos Ramones e dá uma ideia do que poderiam ter sido os shows que não aconteceram.

Com digitalização no Estúdio MOSH e masterização para vinil no Reference Mastering Studio por Homero Lotito com orientação estética de Miguel Barella, o vinil ganha cópias limitadas e de alta qualidade via Polysom, com lançamento do selo Nada Nada Discos.

Ficha técnica

Miguel Barella: baixo

RH Jackson: guitarra e vocal

Roberto Refinetti: bateria

Guilherme "Xepa" Junqueira: movimentos, caras e bocas

Composições: RH e Miguel

Arranjos: Ratos do Beco

Gravação: Tuca Nemeth

Arte: Mateus Mondini e Guilherme Godoy

Texto: Alex Antunes

Editora: Rocking Gorillas/ABRAMUS

Masterizado por: Homero Lotito no Reference Mastering Studio

Fonte: www.headbangersnews.com.br/noticias/apos-45-anos-registro-pioneiro-do-punk-brasileiro-e-lancado-em-formato-digital-e-vinil-pela-primeira-vez/

Foto: Reprodução



O DIGITAL SIGNAGE E COMO ELE AJUDA A VENDER MAIS



@DIGITALTVMIDIA